

## O Impresso e uma Visão Caótica da Cidade de Fortaleza na Década de 1920

FRANCISCO LINHARES FONTELES NETO

Professor de História da UERN, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil.

E-mail: franciscolinhares79@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo procura apresentar as construções sobre o mundo do crime na cidade de Fortaleza produzidas pela imprensa nos anos de 1920. Nessa década, em particular, verifica-se um crescimento da população, uma maior presença dos impressos circulando na urbe e, paralelo a isso, o medo da desordem e do crime provocados pelo aumento populacional. Tais fatores foram muito bem utilizados pela imprensa, que soube potencializar o medo na cidade a respeito de uma possível desordem iminente, além de criar estratégias para vender suas notícias de crime.

**Palavras-chaves:** Ceará; Crime em Jornais; Notícias Criminais.



## O Impresso e uma Visão Caótica da Cidade de Fortaleza na Década de 1920

FRANCISCO LINHARES FONTELES NETO

### 1. FORTALEZA NA CONTRAMÃO

Durante as décadas iniciais do século XX, o centro da cidade de Fortaleza era o espaço mais densamente povoado, onde se podia encontrar o maior fluxo de pessoas, moradias e comércio. Era o lugar no qual os trabalhadores moravam e se divertiam. Contudo, ali também se localizava mais facilmente a miséria material e moral, sendo, portanto, o lugar de onde a violência e o crime brotavam.

Essa realidade que se configurava em Fortaleza passou a exigir medidas de controle social, conseqüentemente foram necessárias ações das autoridades para manter os pobres e migrantes indesejados o mais afastado possível do perímetro urbano, empurrando-os para os “abarracamentos” localizados na periferia da cidade, mais conhecida, naquele tempo, como areias<sup>1</sup>.

Nesse sentido, a presença dos migrantes sertanejos, flagelados e vítimas da seca, os quais se juntavam aos pobres urbanos já existentes na cidade, gerava o medo do rápido aumento populacional que, além de sobrecarregar os equipamentos urbanos presentes, poderia vir acompanhado do ócio e do crime, haja vista a não inserção de alguns desses sujeitos no mercado formal de trabalho.

---

1 Para saber mais como o fenômeno das secas e das migrações sobrecarregavam a cidade de Fortaleza, obrigando os gestores públicos a criarem mecanismos de controle social, ver os trabalhos de NEVES, Frederico de Castro. *Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político. Trajetos* (UFC), Fortaleza, v. 6, n.6, 2005, p. 113-138. Sobre os abarracamentos Cf. Id. *Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932)*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n.29, 1995, p. 93-122.

Por meio dos relatos impressos, temos a descrição física e social das ruas, evidenciando o conflito entre o desejo de modernização, higienização dos espaços coletivos e a permanência de vários hábitos não compatíveis com os padrões desejados. Os jornais, em parceria com seus colaboradores, denunciavam a criação de animais, a ausência de higiene dos moradores - que jogavam lixos nas ruas - e o esgoto a céu aberto, um verdadeiro “atentado à saúde pública”.

#### **Com a Higiene Pública**

Uma sarjeta infecciosa em pleno centro da cidade Chamamos, mais uma vez a atenção da Higiene para a sarjeta de águas podres que desce da Rua Coronel Bezerril e passa ao lado do Palácio do Governo, rumo a Praça General Tibúrcio. É insuportável a fedentina desse foco permanente de miasmas, lesivo à saúde pública. Se a Higiene exige das casas de famílias medida profilática, não deve permitir que, nas ruas, tão gravemente se desrespeite suas imposições, sob pena de desmoralizar sua autoridade (Jornal *O Nordeste*, 11 de janeiro de 1926, p. 2).

Como podemos observar no trecho citado, nesse momento a imprensa fortalezense passou a revelar maior interesse sobre o que ocorria nas ruas. Era hora, pois, de voltar sua atenção para os distúrbios urbanos, que passaram a ser frequentes em suas páginas. No referido contexto, os impressos de Fortaleza se adequaram à nova tendência da imprensa brasileira, causando verdadeira reviravolta em sua história, porque, na medida em que o tema dos problemas urbanos neles se inseriu, apresentaram, na perspectiva dos editores, uma possibilidade tanto de noticiar, alertando sobre a delinquência urbana e chamando a atenção dos leitores e autoridades competentes, como de entreter, de forma a atrair mesmo o leitor.

A historiografia cearense não conta com um número significativo de trabalhos voltados à imprensa quando relacionada ao crime. Porém, destacamos o estudo de Sonia Maria, que, investigando a imprensa cearense na segunda metade do século

XIX, percebe que os jornais concediam espaços para noticiar a criminalidade em Fortaleza e no interior do Ceará. Isso fica claro em sua análise sobre crimes de pistolagem movidos por vingança e em suas preocupações gerais a respeito da ociosidade e vadiagem.

Na composição de conceitos como nação, civilização e progresso, emerge um discurso poderoso sobre criminalidade e violência. O papel de divulgação da violência pela imprensa se torna ainda mais relevante se levarmos em consideração a debilidade político-militar que tornava quase impossível um controle direto por parte do governo imperial sobre as diversas províncias, cabendo aos políticos locais essa função (SILVA, 2000, p. 122).

É importante dizer que, por essa época, as notícias sobre violência e criminalidade ainda vinham diluídas entre as folhas dos jornais de Fortaleza, não havendo fixação da notícia em um lugar específico. Por conseguinte, os textos sobre crime não eram, até então, explorados através de recursos inovadores, como charges e fotos.

Não obstante, frente à sensação do tema no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, acompanhados da modernização das gráficas, não só os jornais deram ênfase às notícias de crime, mas também uma série de outros produtos culturais, entre eles livros e revistas que passaram a circular pelas cidades brasileiras abordando assuntos ligados ao universo criminal<sup>2</sup>. Logo, para incrementar o assunto, as editoras deram início à produção dos contos e folhetins que

---

2 A revista *Vida Policial*, editada no Rio de Janeiro, apesar de vida curta, é um bom exemplo. Ela teve papel importante na divulgação da literatura de romance policial no Brasil. Entre os autores figuravam os precursores do gênero, Edgar A. Poe e Conan Doyle, e autores brasileiros, os quais se aventuraram a produzir esse gênero, tornando-se pioneiros do tema no país, com suas publicações garantidas nas folhas da revista. Lembramos Medeiros de Albuquerque e Claudio Mendonça, este último criador do detetive diletante Barrios. Para uma compreensão mais detalhada sobre a literatura policial no Brasil, ver: SHIZUNO, Elena Camargo. **A Revista Vida Policial (1925-1927): mistérios e dramas em contos e folhetins**. Tese de Doutorado em História - UFPR, Curitiba, 2011. Da mesma autora, cf. *Narrativa criminal na Revista Vida Policial*. **Revista Percursos: Sociedade, Natureza e Cultura**, n. 10, 2009, p.57-77.

narravam a atividade dos detetives profissionais ou diletantes<sup>3</sup>, com o objetivo de atingir o gosto do público brasileiro. Nesses impressos eram publicados contos, tanto de autores estrangeiros como nacionais, empenhados na descoberta dos crimes misteriosos, cujas tiragens eram quase sempre expressivas.

Marta Emisia, ao historicizar as notícias de crimes dos jornais de Fortaleza nesse período, percebe íntima ligação entre o momento em que os problemas urbanos se avolumam, devido ao crescimento da urbe, e o momento em que a imprensa passa a revelar uma outra cidade, longe do ideal de progresso, civilização e modernidade tão desejados pela elite local. Na leitura desse material, é possível perceber a disseminação de interesses, ideias e, principalmente, do medo da desordem e dos comportamentos desviantes, os quais apontam para uma cidade que “caminhava na contramão do progresso”, frustrando as classes dominantes (BARBOSA, 1996).

No intuito de centralizar nosso olhar nesses novos fatos que passaram a ocupar um lugar específico e de destaque na imprensa de Fortaleza nos anos de 1920, nos detivemos aos *noticiários criminais* presentes nos periódicos coligidos para esse artigo, objetivando perceber como o crime e a delinquência eram noticiados e como se dava sua formatação nos principais jornais e revistas da cidade.

Sem dúvidas, a década de vinte do século passado foi um período peculiar para Fortaleza em seu processo de desenvolvimento

---

3 Ver o trabalho de PORTO, Ana Gomes. **Novelas sangrentas**: literatura de crime no Brasil 1870-1920. Tese Doutorado em História Social-Unicamp, Campinas-Sp, 2009. O tema, ao que parece, desde sua inserção no Brasil, atraiu a atenção das editoras. Ver CARVALHEIRO, Edgard; MENESES, Raimundo de. **Histórias de crimes e criminosos**: uma antologia de contos brasileiros. São Paulo: Civilização Brasileira, 1956; MENESES, Raimundo de. **Crimes e criminosos celebres**. São Paulo: Livraria Martins, 1962. No ano de 2005, a editora Record teve a iniciativa de reunir em uma antologia de contos policiais vários autores brasileiros que produziram essa “baixa literatura”, como era conhecida. Estão entre eles autores consagrados, como Olavo Bilac, Lima Barreto, Machado de Assis, João do Rio e autores menos conhecidos, como Medeiros de Albuquerque (COSTA, Flavio Moreira Da (org.). **Crime Feito em Casa**: contos policiais brasileiros. Rio de Janeiro: Record, 2005).

da imprensa. Isso se deu graças às transformações urbanas, à proliferação dos impressos e à inclusão de estratégias editoriais visando a manutenção da empresa jornalística. Paralelamente, houve também o aumento populacional da cidade, atingindo a cifra de quase “cem mil almas”<sup>4</sup>. Disseminada a palavra impressa por Fortaleza, grupos letrados ligados à elite passaram a se aproveitar dos impressos a fim de transmitirem o desejo de ordem e moralidade. Assim, tentavam construir uma visão caótica da cidade, a qual tinha o objetivo de atentar para o perigo iminente do desordenamento urbano.

Ora, cidades que crescem tornam-se perigosas<sup>5</sup>, causando sensação de insegurança e mal estar nos moradores, aspectos úteis para manter aquecidos os noticiários sobre a criminalidade, sendo, por isso, bastante explorados pela imprensa. Assim posto, no tripé *imprensa-cidade-crime*, a primeira passa a fomentar o possível caos urbano, abrindo espaço para que notícias diárias de crime pintassem a imagem de uma cidade que se tornava perigosa. Daí em diante, os periódicos começam a apurar os medos que uma cidade sem controle

---

4 Os números oficiais apresentados no censo de 1920 apontam 78.536 habitantes. Já os relatórios falam de “100 mil almas”. Cremos que essa discrepância nos números é devido às constantes secas que provocavam uma forte migração para a cidade de Fortaleza, permitindo essa variação, uma vez que muitos dos migrantes não retornavam e ficavam a vaguar pela cidade sem uma ocupação formal, gerando preocupação com a ociosidade que poderia ser provocada nesses indivíduos. Cf. **Relatório** apresentado ao Exmo. Sr. Desembargador José Moreira da Rocha, Presidente do Estado, pelo sr. Dr. José Pires de Carvalho, chefe de polícia, compreendendo o período administrativo de 12 de julho de 1924 a 31 de maio de 1925, p. 30.

5 A vida coletiva em cidades guarda em seu bojo a preocupação com o controle do crime e da violência. Em um primeiro momento, a construção de muralhas em volta da urbe representou a tentativa de afastar os medos da desordem para fora dos seus limites geográficos, ou pelo menos de enfraquecê-los. A preocupação com a manutenção da ordem representa uma “prioridade absoluta, mostrando um objetivo claro de manter o equilíbrio urbano”. Para saber mais sobre o tema, ver MUCHEMBLED, Robert. **História da violência**: do fim da idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. (Observar principalmente o capítulo IV). Ver também DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. Uma cidade sitiada 1300-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

poderia produzir: violência, delinquência, vícios, ladrões, vadios e bandidos perigosos que poderiam estar espalhados pela urbe, transitando, tramando e atuando livremente.

De fato, a temática do crime causa assombro, comove, intriga, mexe com a opinião pública e suscita debates acalorados por sua força desagregadora. Por isso, a apreciação do universo criminal não se restringiu a intelectuais, ela ultrapassou os muros acadêmicos. Isto é, saiu do domínio das autoridades - que encaravam o combate ao crime como um desafio - e passou a atingir pessoas comuns, as quais, possivelmente, apresentavam espanto ao tomarem conhecimento de algum crime estarrecedor, fosse por meio dos boatos, que se multiplicavam rapidamente pela cidade, ou pelas leituras de matérias publicadas em periódicos, os quais eram encontrados facilmente em vários espaços da urbe, seja nas bancas ou com os gazeteiros, responsáveis por levar a notícia até os interessados.

Com a ampla aceitação das notícias de crime, pequenos furtos, brigas, agressões e vadiagens, delitos considerados “corriqueiros”, passaram a se fazer presentes diariamente na imprensa, tornando-se elementos desafiadores para as autoridades policiais. Damos destaque aos casos de gatunagem, bem frequentes na cidade de Fortaleza e noticiados com regularidade nos jornais. A constância dos roubos nas matérias criminais mostrava, cada vez mais, a sofisticação dos ladrões na arte de roubar. Alguns eram tão atrevidos que assinavam após a façanha, como o *Mysterioso*.

No dia 23 de outubro de 1923, um jornal narra de forma minuciosa os feitos de Honorino, que assinava seus crimes com a alcunha de *Mysterioso*, apelido registrado, segundo os noticiários, pelo próprio gatuno nas paredes das propriedades assaltadas, a fim de identificar-se.

Preso Honorino, que passou a ser conhecido por “*Mysterioso*”, nome este que costumava deixar escripto

nas paredes das casas que roubava, como um escarneo as vítimas e um desafio a polícia, entretanto esse profissional do roubo conseguiu fugir no momento em que, acompanhado de agentes policiais, voltava de uma diligência para apreensão de joias que vendera.

“Misterioso” não tem profissão nem domicílio. Vivendo de roubos, muda-se de um para outro lugar, sempre que a polícia o persegue.

Ahi está, Sr. Redactor, o retrato moral de um ente que não teve a necessária coragem para viver honestamente, resvalando assim, tão moço e cheio de vida, o último degrau de degenerescência.

Atenciosamente, Porfírio de Lima Filho (Jornal *O Nordeste*, 23 de outubro de 1923, p. 2).

Outros não eram capazes de tamanha afronta após o furto, mas, igualmente, apresentavam perícia nos seus feitos, como o autor do caso ocorrido no dia 30 de novembro de 1927, noticiado apenas no dia seguinte. Sobre esse caso, o jornal informou que gatunos invadiram a casa de D. Isabel Marinho, residente à Rua Guilherme Rocha, n. 335. Levaram “três cordões de ouro com medalhas, três anéis, um broche de gravata com doze diamantes, um par de brincos com duas esmeraldas, dois relógios de algibeira e um corte de linho branco”. O título dado à notícia foi “Roubos de Joias” e a matéria ainda informava que o “roubo foi com uma habilidade admirável, tendo a porta de entrada sido aberta com uma chave falsa e enganando a vigilância da polícia” (Jornal *O Nordeste*, 1 de dezembro de 1927, p. 7).

Encontramos ainda uma história insólita; um ladrão que, sem pudor algum, se vestia até de mulher para servir de empregada às famílias, tendo, assim, livre acesso às suas moradias e pertences para, ao fim, os surrupiar. Esse gatuno mostrava verdadeira criatividade e astúcia, devendo-se alertar a população sobre sua presença. E assim fez o jornal *O Nordeste*, publicando, durante alguns dias seguidos, a atuação do *Homem-mulher*.

As matérias relacionadas a gatunos comumente vinham nos espaços de noticiários criminais, dessa forma, quase nos passa

despercebida a notícia do *Homem-mulher*, que fora deslocada para o espaço destinado a anúncios de “serviços domésticos”, devido sua ação estar relacionada a isso. Possivelmente, foi uma estratégia do jornal para atingir maior número de donas de casas que talvez não se agradassem de ler as notícias de crimes, ficando, por isso, desinformadas sobre o novo criminoso.

#### **Serviços Domésticos**

A ‘maravilha’ policial dos últimos dias tem sido a história de *Rosa*, o *homem-mulher* que, com trajes femininos, mas fisionomia e modos masculinos, se apresenta às casas de família como cozinheira, recebe o dinheiro para as compras do mercado e com elle desaparece duma vez. Em numerosas casas, já, tem sucedido esse facto, sem que a polícia lograsse, ainda, pôr-lhe mãos em cima (Jornal *O Nordeste* 5 de fevereiro de 1925, p.2).

Frente o avanço dos gatunos soltos pela cidade, a imprensa fortalezense aproveitou-se das ações desses criminosos como forma de comércio, incitando uma corrida da população em busca de equipamentos “modernos” e “seguros” contra roubo, por ela anunciados. Visando, pois, a proteção contra o atrevimento dos “amigos do alheio”, os editores, na busca de mais lucro que não fosse somente proveniente da venda do jornal, cedem espaços para propagandear e vender as maravilhas da modernidade, desenvolvidas especialmente para esse fim. Nesse momento, a propaganda tornou-se um dos pilares essenciais da sustentação financeira e da própria adaptação editorial de um periódico de sucesso<sup>6</sup>, demonstrando os desejos e necessidades inerentes a uma vida urbana.

Sob essa perspectiva, da mesma forma que noticiar as moléstias da cidade tinha a finalidade de vender medicamentos e produtos

---

6 Eloisa de Faria, em pesquisa relacionada à imprensa paulistana, percebe que, nos anos de 1920, no Brasil, a propaganda já era sustentáculo na constituição da imprensa como meio de comunicação de massa. Em nossa pesquisa, percebemos que Fortaleza também se insere nesse contexto histórico (CRUZ, Eloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. p. 161).

higiênicos, as notícias de crime objetivavam também vender as novidades que acabavam de chegar ao comércio da cidade e que prometiam segurança contra os ataques audaciosos dos larápios que atuavam em Fortaleza. Senão vejamos:

**Alerta, povo do Ceará!**

Não deixem para fechar as portas depois de roubados. Acaba de chegar nessa Capital o celebre Mysterioso, e como mysteriosos nunca faltam, previno que desembarcou nova remessa dos maravilhosos Cofres Electricos, a prova de roubo. Todo em aço e lindamente nickelado. O terror dos ladrões. Procurem ver um exemplar e peçam demonstração prática, sem compromisso de compra, a T.S Ferreira, n. 112, Rua Barão do Rio Branco (sobrado) – Fortaleza (Jornal **A Tribuna do Ceará**, 20 de outubro de 1923, p. 3).

Porém, nem mesmo tais medidas conseguiram deter as façanhas desses perturbadores do sossego, haja vista que suas ações não estavam restritas às residências. Com o crescimento citadino e o conseqüente aumento populacional, o trânsito de automóveis começava a ficar mais intenso, aumentando o ritmo da cidade, que passou a dinamizar a movimentação dos moradores através da utilização dos bondes elétricos, lugar atrativo para os gatunos, pois podiam utilizar esse transporte livremente se imiscuindo em meio aos passageiros.

Revelando a ação do famoso “gatunosinho” conhecido por “mão-de-seda”, que “palmilhou um cavalheiro passageiro do bonde da linha da Praia de Iracema uma bolsinha de prata contendo 3\$ 900”, o jornal *Correio do Ceará* narra o seguinte:

[...] O passageiro, descuidado, sentado na ponta do banco, pagou a sua passagem e meteu a carteirinha no bolso, movimento presenciado pelo astucioso “mão-de-seda” que, como de costume, tomou o carro e ‘assombrou’, sublimemente o elegante guarda nickel do cavalheiro. (Jornal *Correio do Ceará*, 5 de janeiro de 1928, p. 7).

Percebemos, então, que, de todas as maneiras, os periódicos queriam alertar seus leitores sobre o perigo desses criminosos, fosse

dentro de suas próprias casas ou nos espaços públicos. Entretanto, não podemos deixar de observar que esses crimes, de alguma forma, foram rentáveis para os jornais, uma vez que, por publicarem matérias de “utilidade pública”, por certo, tinham seus contratos propagandísticos renovados.

Porém, como deveriam representar a vontade da população - inconformada com tamanha insegurança - ao mesmo tempo em que os jornais denunciavam os crimes de gatunagem, ocorridos cotidianamente em Fortaleza, nas entrelinhas ou mesmo de forma explícita, cobravam das autoridades, pondo-se, muitas vezes, como legítimos porta-vozes da ordem pública.

Para exemplificar essa cobrança à polícia citamos a matéria do jornal *A Tribuna*, do dia 6 de julho de 1921, intitulada “A acção dos gatunos nos subúrbios”, na qual são narrados constantes roubos de canos no bairro Prado Velho, não havendo lá policiamento. O redator encerra a matéria com uma forte cobrança por segurança, esperando uma resposta dos homens da lei, como podemos ver através dos dizeres: “Quem poderá providenciar? Falem as autoridades policiais” (Jornal **A Tribuna**, 6 de julho de 1921, p. 2.).

Face mais amedrontadora e terrível de se viver na cidade, a criminalidade urbana passou a preocupar/atemorizar os moradores, obrigando os gestores públicos a pensarem formas de intensificar o combate ao crime (PECHEMAN, 2002). Colocadas na ordem do dia pela imprensa, essas questões desconfortáveis exigiam das autoridades responsáveis a devida solução pela manutenção da ordem no espaço público. Era necessário criar/aperfeiçoar mecanismos disciplinadores sobre as multidões que vagueavam pelas ruas sem ocupação formal, pois a ociosidade poderia levar aos vícios deletérios, entre eles jogos, alcoolismo e a prostituição. Juntos, esses componentes fomentariam mais ainda a criminalidade, principalmente no momento em que todo esse caos urbano era

entendido pelas lentes das diversas teorias criminais<sup>7</sup> tão em voga naquele momento.

O assunto era tratado como um “magno problema” pelas autoridades do Ceará. O medo do crime e sua origem ocupavam parte significativa em seus relatórios. Assim, um dos debates recorrentes eram as causas do crime, parecendo ser unânime o entendimento de que a vadiagem seria “ato preparatório” para que ele fosse “fato consumado”. Ainda segundo os mencionados relatórios, os indivíduos vadios é que seriam levados por suas necessidades e ociosidade a cometerem crimes e delitos.

Da vagabundagem o homem pode deslizar, insensivelmente, para a mendicância e daí para o crime. É perigoso o indivíduo que não tem meios de subsistência, nem domicílio ou profissão (...) O vagabundo conta em si o estofo de um malfeitor e vem a sê-lo cedo ou tarde (**Relatório do Presidente de Província do Ceará, 1927, p.27**).

Nesse contexto onde cidade, pobreza e criminalidade se misturaram, as classes populares foram encaradas como classes perigosas<sup>8</sup>, não só por oferecerem problemas para a organização

---

7 No Brasil, o debate sobre as teorias criminais foi intenso, sendo amplamente discutidas nas faculdades de Direito do Recife e na faculdade de Medicina na Bahia, desde o último quartel do século XIX. A “Criminologia mostrou-se claramente saber destinado ao poder, muito mais voltado para o desenvolvimento das técnicas de identificação criminal e outros mecanismos de controle social e para a estigmatização de setores da população considerados potencialmente perigosos”. Cf. ALVAREZ, Marcos César. Apontamentos para uma história da criminologia no Brasil. In: KOENER, Andrei. (Org.). **História da justiça penal no Brasil: pesquisas e análises**. São Paulo: IBCCRIM, 2006. p. 129-151. (Monografia n. 40). Sobre o debate entre intelectuais brasileiros do campo do Direito e da Medicina Criminal, ver o livro de SCHUWARCS, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Ver tb. FERLA, Luis. **Feios, sujos e malvados sob medida. A utopia médica do biodeterminismo**. São Paulo, 1920-1945. São Paulo: Alameda, 2009.

8 O conceito de classe perigosa originalmente estava ligado a um grupo restrito. Usado inicialmente para abarcar a “infância culpada”, termo usado para definir os meninos de rua. Aos poucos o conceito começa a abarcar um vasto grupo de pessoas, principalmente os pobres e miseráveis. No Brasil, o conceito tem uma apropriação com maior elasticidade, pautada no modelo francês, responsável

do trabalho e manutenção da ordem pública, mas também por, literalmente, representarem perigo de contágio.

Portanto, o meio era um perigo para indivíduos que se expunham à ociosidade e aos vícios degradantes. Isso fica muito claro quando o assunto é retomado no relatório do ano seguinte, apontando que esses “infelizes perambulam pelas ruas e praças da cidade, adquirindo os piores vícios e habituando-se a práticas degradantes, o que certamente os tornará em sua maioria, delinquentes em dias que não tardam” (**Relatório do Presidente de Província do Ceará**, 1928, p. 46).

Esse problema não era uma preocupação específica dos gestores, visto que a imprensa, à sua maneira, publicava matérias que reforçavam a ideia de uma “patologia social”, alertando para a degradação física e moral que conduzia o homem pobre urbano a uma degeneração, contribuindo, outrossim, com a estigmatização dos sujeitos indesejados. Logo, para promover essa prerrogativa de pobreza como sinônimo de criminalidade, a concepção de “degeneração hereditária” para os excluídos sociais fornecia a base teórica para manter o controle sobre os pobres<sup>9</sup>.

---

por transformar pobres em sinônimo de indivíduos potencialmente perigosos para sociedade. Cf. CHALHOUB, Sidney. **Revista Trabalhadores**: Classes perigosas. Campinas: Associação cultural do Arquivo Edgard Leuenroth. SMCS. N. 6, 1990. Ver também, do mesmo autor, **Cidade Febril**: Cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- 9 BRESCIANI, Maria Estella. Londres e Paris. **O espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (1ª edição 1982). A ruptura dessa perspectiva biológica do crime só foi possível graças aos estudos da Escola Sociológica de Chicago durante os anos de 1920 e 1930. Os cientistas sociais ligados a essa escola procuraram entender o crime a partir das mudanças ocorridas na cidade de Chicago, nas últimas décadas do século XIX. Para isso foram consideradas a distribuição geográfica do crime e a sua relação com a delinquência no espaço urbano, levando em conta os dados quantitativos, censitários, imigração e industrialização para pensar o crime como um produto social do urbanismo. Para maiores informações sobre a Escola de Chicago e seu impacto nos estudos sobre a criminalidade urbana, cf. FREITAS, Wagner Cinelli de Paula. **Espaço Urbano e Criminalidade**: Lições da Escola de Chicago. São Paulo: Editora Método, 2004.

Com a mesma visão, uma famosa revista chamava a atenção dos seus leitores ao reclamar da pobreza urbana que grassava Fortaleza. Segundo a revista, a capital do Ceará era uma “cidade de mendigo”, uma “cidade infeliz”, e, em outra nota, a mesma revista sentenciava: “A terra da Luz, do sol e do luar de prata é também a terra dos mendigos” (**Revista a Jandaia**, 1927. p. 5).

Era fato contundente. A frequência de pobres urbanos transitando pelos diversos espaços públicos em ociosidade - fosse em Fortaleza ou em outras cidades brasileiras - não alimentava nenhuma esperança de contribuição efetiva para a construção de uma nova sociedade pautada nos padrões de disciplina e trabalho. Assim, com a égide da República, o discurso criminal caiu como luva, pois o lema ordem e progresso não combinava com esse quadro vivenciado no Brasil. Nesse sentido, a Criminologia deu o suporte para a elaboração de estratégias de controle social daqueles potencialmente perigosos/criminosos.

É sobre essa premissa do medo, sobretudo dos indivíduos mais pobres, que a polícia brasileira assenta suas bases de atuação, incorporando elementos importantes que poderiam definir uma “boa abordagem policial”. A cultura policial que se desenvolveu no Brasil desde o Século XIX e início do XX, passou a adotar procedimentos que a levariam, segundo seus mentores ao sucesso da ação, fatores relevantes como cor, renda, moradia e forma de se vestir passam a ser levados em consideração, reforçando a estigmatização social e consolidando a premissa de suspeição generalizada sobre os indivíduos pobres (BRETAS, 1997).

O medo do aumento da criminalidade em Fortaleza foi acompanhado pela preocupação com a elaboração das estatísticas criminais e organização dos aparatos policiais. Esse esforço permitiu a criação de agenda policial com estratégias bem definidas, capaz, não só de apurar, mas de punir, na tentativa de se manter a ordem.

Dessa forma, era fundamental definir regras claras de se viver na urbe. Dava-se início, assim, à demarcação dos limites aceitáveis, ou pelo menos toleráveis, para os comportamentos dos moradores das cidades (FONTELES NETO, 2006).

Com efeito, imprensa e repressão se entrelaçavam em Fortaleza, constituindo uma complexa relação, pois os impressos, ao passo que noticiavam, ampliavam o debate sobre o crime, cobrando das autoridades as devidas reprimendas e, ao mesmo tempo, nutrindo-se da temática para ampliar o público ávido por consumir esse tipo de matéria.

A leitura desses noticiários revela-nos, então, uma cidade em movimento, com seus conflitos e seus medos e, mais do que isso, o desejo de ordenar a vida social dentro de padrões que estivessem em conformidade com o anseio das elites, que escreviam nos jornais exigindo o “saneamento da moral” daqueles que habitavam a cidade.

## **2. IMPRENSA, ALCOOLISMO E MORALIDADE**

Certamente, notícias dedicadas ao universo criminal tentaram atuar na formação de um consenso sobre a ordem e moralidade, exercendo grande influência em seus leitores. Fazendo isso, a imprensa acabou servindo como caixa de ressonância para a ideia de marginalização, construindo estereótipos em torno da figura dos indivíduos que cometiam delitos ou daqueles que, pelos “vícios”, desajustavam a harmonia social.

Para o caso de Fortaleza, verificamos que os jornais deram significativo destaque aos sujeitos que faziam uso de libações alcóolicas. Nesse contexto, é relevante a ideia de Pablo Piccato, quando, relacionando o álcool e a criminalidade, afirma que:

O alcoolismo projetava sua sombra sobre todos os espaços sociais. Se tratava de um mal particularmente difícil de controlar porque era ao mesmo tempo uma

patologia individual e uma transgressão coletiva, debilidade moral e defeito congênito<sup>10</sup>.

Posto isso, constatamos que o jornal *Correio do Ceará* reproduziu extensa nota com o título *O grande amigo da criminalidade*, mostrando as estreitas ligações entre o crime e o alcoolismo:

No espaço de dez annos, segundo Ferri, as condemnações pronunciadas na Itália pelas autoridades judiciárias, devido a crimes, delitos e contravenções, attingiram cifras de 3.352.910. Quer isto dizer que cerca de 10% da população sahio fora da lei naquele espaço de tempo, o que equivale a 335.000 penas annuaes. Na França os números são ainda mais elevados, tendo os juizes pronunciado, no decurso dos mesmos dez annos, 4.404.808 indivíduos. Não sei que algarismos attingiríamos, se fosse feita idêntica estatística no nosso país.

Seria curioso indagar quaes as causas prováveis de tão numerosos crimes, de tantos delinquentes. Devem existir estatísticas nesse sentido, mas que desconheço, as quaes, talvez, só tenham valor muito relativo, visto ser difícil, complexo e mesmo impossível, em muitos casos, atinar com a verdadeira causa da criminalidade.

*O que se pode afirmar, quase sem medo de errar, é que ao alcoolismo cabe o papel de preponderante, na formação de criminosos.*

Bianchi tem uma frase muito significativa a este respeito "o álcool é o generoso amigo da criminalidade. Elle abre, muitas vezes, a entrada livre ao delicto. Entorpece todas as vozes com que a natureza falla a consciência humana, suprime o controle da razão e facilita a execução irrefletida do crime, solicitado pela paixão e pelo instinto egoísta".

O álcool é, não há duvida, o dos quais se acham admiravelmente representados nos personagens de Ibsen, Tolstoi e Dostoievsky, e que cada leitor há de ter observado ou conhecido através de dramas reais, *que figuram todos os dias em columnas de jornaes, para alento da curiosidade doentia de "amigos" de novidades tristes e de sensações arrepiadoras.*

O alcoolismo é a chave perversa deste grande theatro que é o mundo, onde se renovam a cada instante as scenas extravagantes ethlicas.

---

10 "El alcoholismo proyectava su sombra sobre todos los espacios sociales. Se trataba de un mal particularmente difícil de controlar porque era al mismo tiempo una patologia individual y una transgresión colectiva, debilidad moral y defecto congénito." PICCATO, Pablo. El discurso sobre la criminalidade y el alcoholismo hacia fin del porfiriato. In: **Hábitos normas y escándalo**: prensa, criminalidade y drogas durante el porfiriato tardio. MONTFORT, Ricardo Perez, et al. (Orgs.). México: Plaza y Valdéz, 1997, p. 75-134. (Tradução nossa).

L'Assommoir, de Zola, representa uma obra prima como demonstração e como elemento de propaganda dos estragos causados por este flagello, idêntico a tantos outros livros que põem em relevo a pathologia criminal de milhões de seres, que por ahi vivem como "micróbios do crime".

Dentre os recursos a por em pratica, sobreleva um que eu julgo de importância capital: - a educação. A escola constitue, na lucta contra o alcoolismo, uma das alavancas, talvez das mais poderosas, para deslocá-lo de sua trilha nefanda e tremenda da dor e da morte.

Os mestres deveriam, pois, ao menos uma vez por semana, dedicar alguns minutos para uma preleção contra o álcool, ou pelo menos, para ler um trecho escolhido sobre o assumpto, comentando-o, tornando vivo ao espírito curioso e sensível das crianças (Jornal *Correio do Ceará*, 18 de janeiro de 1928. p. 4).

A ligação entre o crime e o alcoolismo, desde o fim do século XIX, foi alvo de intensa preocupação dos criminalistas, os quais, além de atribuir-lhe doenças degenerativas, pelo consumo excessivo, tentavam manter o controle sobre o mesmo, criando campanhas antialcoólicas e propondo medidas educacionais.

Os crimes sobre o efeito do álcool, em sua maioria, eram praticados por indivíduos do sexo masculino e envolviam a violência. Esse fator levou os médicos e alienistas a pensarem "como os seres humanos podiam agir de forma automática e inconsciente, levantando a questão, portanto, de como agir com homens que colocavam em risco a si mesmos e à sociedade com seus hábitos alcoólatras" (HARRIS, 1993).

Decerto, a transgressão da lei, seja de forma violenta ou não, é elemento significativo para se entender a quebra das normas morais, desnudando a extensão e proporção dos delitos e revelando os parâmetros desejados do bom viver. Sendo assim, fora dado como fato que o alcoolismo provocava o embrutecimento dos homens, tornando-os feras primitivas, bestiais, sem domínio sobre seus instintos. Para o saber médico, o álcool, inegavelmente, destruía o caráter moral, provocava loucura e definhamento físico.

Diante da criminalidade, que vinha aumentando de forma assustadora nas principais cidades do mundo, esse discurso científico ganhou força e a repressão ao consumo do álcool foi intensificada durante a década de 1920. Nos Estados Unidos criou-se a conhecida Lei Seca, enquanto no Brasil os gestores públicos foram forçados a se organizarem para travarem uma verdadeira “cruzada antialcoólica” contra um “flagelo social” (MATOS, 2000). A partir daí campanhas foram pensadas a fim de atingirem o máximo possível de pessoas, nas várias faixas etárias, principalmente os homens. Uma vez que essa medida tinha como escopo proteger o núcleo familiar, caberia a eles a manutenção dos lares, por isso, deveriam manter-se afastados de bebidas espirituosas e jogos que minavam toda a economia doméstica.

Como forma de exortar contra os perigos do álcool, que poderiam atingir não só quem o consumia, mas a sociedade em geral, notas publicadas em jornais e revistas, folhetos explicativos, cartilhas para crianças, cartazes e filmes foram usados, em Fortaleza, numa semana dedicada exclusivamente ao combate da bebida, a denominada *Semana Antialcoólica* de 1929. Assim sendo, apresentamos a seguir uma matéria publicada na *Revista Verdes Mares*:

#### **O Álcool**

É indiscutível que o álcool contribue de maneira espantosa para a degeneração e total aniquilamento de uma raça.

[...] Quanta miséria, quanta dor, quanta desolação, quanto sofrimento devidos unicamente ao álcool!

Quantas crianças pallidas e esfarrapados perambulam diariamente pelas ruas implorando a caridade pública, ao lado das miseráveis mães-martyres que trazem estampados no rosto os sinais de horríveis torturas porque o chefe da família que deveria dar o exemplo do trabalho e da virtude, anda cumprindo, pelas tavernas de aspectos repugnantes, a sua triste sina de ébrio inveterado!

Oh Deus poderoso! O álcool, essa maldita essência que corrompe caracteres, destrói lares, é a causa de tanta desgraça!

Livrai-nos dele, e veremos surgir novos horizontes, brilhantes como o sol de primavera<sup>11</sup>.

Ao ceder espaço para esse tipo de notícia, a imprensa local mostrou versatilidade na maneira de narrar. À vista disso, na passagem do jornal *Correio do Ceará*, citada acima, vimos um texto sisudo e técnico, no qual o leitor era informado, com bastante alarde, sobre dados estatísticos que ajudavam a compreender o aumento da criminalidade mundo afora, quando se fazia uso de bebidas alcoólicas. Já na narrativa da *Revista Verdes Mares* temos um forte apelo para o emocional, sendo tecidas considerações morais que viam o reflexo do álcool nas más condutas dos indivíduos que, fora de si, negavam-se a trabalhar e a preservar a paz familiar. Notamos, inclusive, uma evocação aos princípios religiosos, tudo isso acompanhado de uma narrativa poética.

Não obstante, essa não era a única forma que os jornais encontravam para noticiar o assunto. As matérias poderiam receber pitadas de humor, chegando ao ponto de ridicularizar os indivíduos que cometiam algum delito após o consumo de bebidas alcoólicas, como é o caso de Justiniano André, que, quando embriagado, passava a se apropriar do alheio. Assim foi noticiado:

**Outro que só furta quando bebe**

Esteve preso sexta-feira na subdelegacia de Mororó, Justiniano Andre, acusado do furto de várias galinhas e de corte de casemira. Residente no Morro do Croatá em companhia do seu irmão Francisco, declarou Justiniano que *estando bom nunca soube o que é furto*, somente acontece tal coisa devido a “Ella”, a cachaça.

- Pois então deixa de beber, porque gatuno você é, está provado, disse-lhe o subdelegado da zona, quando o pôs em liberdade. (Jornal **Correio do Ceará**, 10 de janeiro de 1928, p.7).

Outra notícia bem irônica é a que se refere a João Pereira da Silva, que se “achava embriagado e recusara a pagar o almoço feito

---

<sup>11</sup> Nota referente à palestra ministrada aos alunos do Colégio Cearense, publicada na **Revista Verdes Mares** em 15 de junho de 1929, p. 6.

em uma das bancas do mercado” e, por isso, foi recolhido ao xadrez onde pode usufruir do “luxuoso beliche” da delegacia (Jornal **O Nordeste**, 31 de dezembro de 1927, p. 2.).

Diante dessas notícias, podemos identificar a intenção dos editores em fortalecer e transmitir a ideia de que o álcool alterava completamente a consciência do homem, levando-o a praticar atitudes condenáveis e grotescas ou a ser penalizado pelas mãos de outrem, pelo fato de incomodar com seu comportamento inconveniente. Exemplo disso é o indivíduo Dornelles da Costa, o qual estava “bastante alcoolizado” e que, após “trocar palavras ásperas” com José Eufrásio no Beco Dionísio Torres, no calçamento da Messejana, recebeu deste “várias bengaladas na cabeça e no rosto”, sendo Dornelles encaminhado para o hospital da Santa Casa “banhado em sangue” (Jornal **O Nordeste**, 2 de fevereiro de 1925, p. 2).

É notória a preocupação em adequar a narrativa ao gosto do leitor, visto como um consumidor que deveria ter seus desejos satisfeitos. Então, dentro de uma lógica de mercado, entendemos a imprensa como produtora/fabricante que usava estratégias a fim de manter e ampliar a necessidade de consumo de seus produtos, editando em uma quantidade maior textos que pretendiam atingir um público alvo. Logo, é importante que o historiador social do crime que deseja estudá-lo pelo viés dessa fonte esteja atento não só para o momento em que as notícias criminais (produto) ocuparam lugar de relevância nos noticiários, mas também para quem as produzia e que recursos utilizava.

### 3. ÚLTIMAS PALAVRAS.

Como foi visto ao longo deste artigo, a cidade de Fortaleza e a criminalidade apresentavam diariamente fonte para alimentar crônicas policiais. Casos de distúrbio, acontecendo em várias partes da urbe e em horários diferentes, noticiados com frequência,

tenderam a construir uma representação da cidade violenta e sem controle. Mas, ao nos debruçarmos sobre essas narrativas, percebemos outros elementos agregados a essa construção. Assim, duas questões merecem destaque. Primeiro, não podemos levar a leitura ao pé da letra, pois o aumento das notícias de crime não significa, necessariamente, o aumento da criminalidade e nem indica que os possíveis leitores compartilhassem da visão caótica dos editores, que propugnavam a possibilidade da cidade de Fortaleza gerar uma sociedade criminógena. Esse tipo de notícia pode ser lido como uma espécie de serviço de “utilidade pública”, informando aos leitores os lugares e os nomes das ruas em que os delitos aconteciam com mais constância, e quais os mais praticados. Certamente, os moradores de Fortaleza não tinham o curso de suas vidas alterado por estes noticiários. Talvez eles servissem como um alerta para os leitores mais atentos, para que evitassem determinados espaços da cidade em horas específicas. Outro ponto que pode aparecer como um desdobramento dessa constatação é o tom moralista das notícias, que representam o ideal de comportamento padronizado para os moradores da capital do Ceará. Assim, uma elite letrada, sensível as mudanças na cidade e escandalizada com a falta de policiamento, passou a se aproveitar dos impressos a fim de transmitir o desejo de ordem. Nesse sentido, os periódicos começam a apurar os medos que uma cidade sem controle poderia produzir: violência, delinquência, vícios, ladrões, vadios e bandidos perigosos que poderiam estar espalhados pela urbe, transitando, tramando e atuando livremente.

O segundo ponto que destacamos é como o jornal passou a servir como caixa de ressonância para as ideias tão presentes nas teorias criminais, embora devemos considerar que seu estilo de narrativa fugia do tom acadêmico produzido pelos “doutores” especialistas no estudo do mundo do crime, estando distante, portanto, dos leitores menos familiarizados com a linguagem mais técnica para

abordar o assunto. Os jornais, com seus noticiários de crime, atingiram um público muito mais amplo e com linguagem mais acessível, usando recursos narrativos e gêneros textuais que garantiram o sucesso da crônica polícia nos jornais até os dias de hoje.

Submissão: 10 ago 2015

Aprovação: 08 dez 2015

Processo de Avaliação: Double Blind Peer Review

Revisão: Ulisses Levy Silvério dos Reis

Editor: Ernesto Pimentel

#### 4. REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Marcos César. Apontamentos para uma história da criminologia no Brasil. In: KOENER, Andrei. (Org.). **História da justiça penal no Brasil: pesquisas e análises**. São Paulo: IBCCRIM, 2006. p. 129-151. (Monografia n. 40).

BARBOSA, Marta Emisia. **Cidade na contramão: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX**. Dissertação (Mestrado em História) - PUC-SP, 1996.

BRESCIANI, Maria Estella. Londres e Paris. **O espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004. (1ª edição 1982).

BRETAS, Marcos Luiz. **A guerra das ruas: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

CARVALHEIRO, Edgard; MENESES, Raimundo de. **Histórias de crimes e criminosos: uma antologia de contos brasileiros**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1956.

CHALHOUB, Sidney. **Revista Trabalhadores: Classes perigosas**. Campinas: Associação cultural do Arquivo Edgard Leuenroth. SMCS. N. 6, 1990.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Flavio Moreira Da (org.). **Crime Feito em Casa: contos policiais brasileiros**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CRUZ, Eloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915.** p. 161.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente.** Uma cidade sitiada 1300-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FERLA, Luis. **Feios, sujos e malvados sob medida.** A utopia médica do biodeterminismo. São Paulo, 1920-1945. São Paulo: Alameda, 2009.

FONTELES NETO, Francisco Linhares. Cotidiano e atuação policial em Fortaleza: entre o dever e a prática nas primeiras décadas do século XX. **Trajeto: Revista da Pós-Graduação em História Social da UFC.** Dossiê: Cultura e Cidade, v. 4, n.7, 2006, p. 95-118.

FREITAS, Wagner Cinelli de Paula. **Espaço Urbano e Criminalidade: Lições da Escola de Chicago.** São Paulo: Editora Método, 2004.

HARRIS, Ruth. **Assassinato e Loucura: Medicina, leis e sociedade no fim de siècle.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

MENESES, Raimundo de. **Crimes e criminosos celebres.** São Paulo: Livraria Martins, 1962.

MUCHEMBLED, Robert. **História da violência: do fim da idade Média aos nossos dias.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

NEVES, Frederico de Castro. Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político. **Trajeto (UFC), Fortaleza,** v. 6, n.6, 2005, p. 113-138.

NEVES, Frederico de Castro. Curral dos Bárbaros: os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932). **Revista Brasileira de História,** São Paulo, v. 15, n.29, 1995, p. 93-122.

PECHEMAN, Robert Moses. **Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista.** Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2002.

PICCATO, Pablo. El discurso sobre la criminalidade y el alcoholismo hacia fin del porfiriato. In: **Hábitos normas y escândalo: prensa, criminalidade y drogas durante el porfiriato tardio.** MONTFORT, Ricardo Perez, *et al.* (Orgs.). México: Plaza y Valdéz, 1997, p. 75-134.

PORTO, Ana Gomes. **Novelas sangrentas**: literatura de crime no Brasil 1870-1920. Tese Doutorado em História Social - Unicamp, Campinas-Sp, 2009.

SCHUWARCS, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHIZUNO, Elena Camargo. **A Revista Vida Policial (1925-1927)**: mistérios e dramas em contos e folhetins. Tese de Doutorado em História - UFPR, Curitiba, 2011.

SHIZUNO, Elena Camargo. Narrativa criminal na Revista Vida Policial. **Revista Percursos**: Sociedade, Natureza e Cultura, n. 10, 2009, p.57-77.

SILVA, Sonia Maria de Meneses da. **As chaves da cidade**: civilização e violência na construção do espaço urbano de Fortaleza na segunda metade do Século XIX. Dissertação (Mestrado em História Social) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

### Fontes

Jornal **A Tribuna do Ceará**, 20 de outubro de 1923, p. 3.

Jornal **A Tribuna**, 6 de julho de 1921, p. 2.

Jornal **Correio do Ceará**, 10 de janeiro de 1928, p.7.

Jornal **Correio do Ceará**, 18 de janeiro de 1928. p. 4.

Jornal **Correio do Ceará**, 5 de janeiro de 1928, p. 7.

Jornal **O Nordeste**, 11 de janeiro de 1926, p. 2.

Jornal **O Nordeste**, 23 de outubro de 1923, p. 2.

Jornal **O Nordeste**, 31 de dezembro de 1927, p.2.

Jornal **O Nordeste**, 1 de dezembro de 1927, p. 7.

**Relatório** apresentado ao Exmo. Sr. Desembargador José Moreira da Rocha, Presidente do Estado, pelo sr. Dr. José Pires de Carvalho, chefe de polícia, compreendendo o período administrativo de 12 de julho de 1924 a 31 de maio de 1925, p. 30.

**Relatório do Presidente de Província**, José Moreira da Rocha, enviado à Assembleia Legislativa do Ceará, 1927, p.27.

**Relatório do Presidente de Província**, José Moreira da Rocha, enviado à Assembleia Legislativa do Ceará, 1928, p. 46

**Revista a Jandaia**, Fortaleza - Ce, 1927. p. 5.

**Revista Verdes Mares**, Fortaleza - Ce, 1929, p. 6.

## The Press and a Chaotic View of the City in the 1920s Fortaleza

Francisco Linhares Fonteles Neto

**Abstract:** This article tries to present depictions of criminality in the city of Fortaleza published in the local press in the 1920s. This particular decade witnessed phenomena like population growth, the larger presence of newspapers circulating among the literate people and an increasing feeling of fear about disorder and crime. The demographic growth was leading to these emotions. The press was able to gather such feelings, encouraging of a dread of imminent disorder which was clearly connected to the aim of selling crime news.

**Keywords:** Ceará; Crimes from Newspapers; Crime News.